



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DILMA MARIA MENDES DE SOUZA**

**[DILMA MENDES]**

**(entrevista)**

**Camaçari, BA**

**2023**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo memórias

**Número da entrevista:** E-99

**Nome da entrevistada:** Dilma Maria Mendes de Souza [Dilma Mendes]

**Local da entrevista:** residência da entrevistada – Camaçari, BA (Via Zoom)

**Entrevistadoras:** Silvana Vilodre Goellner, Mariana da Silva Brum, Lóry da Silveira Ribeiro e Luiza Azevedo Lopes

**Data da entrevista:** 09/02/2023

**Transcrição:** Mariana da Silva Brum

**Copidesque:** Lóry da Silveira Ribeiro

**Pesquisa de termos:** Silvana Vilodre Goellner e Mariana da Silva Brum

**Total de gravação:** 38 minutos e 12 segundos

**Páginas Digitadas:** 15

**Observações:**

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

A entrevista foi realizada para a produção do artigo *Mulher, negra e nordestina: Dilma Mendes, a melhor treinadora do mundo de futebol 7 é nossa*, publicado na Revista Fúlia/UFGM, Vol. 8, n. 3, 2023.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SOUZA, Dilma Maria Mendes de. Entrevista concedida por Dilma Maria Mendes de Souza [Dilma Mendes] ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Silvana Vilodre Goellner, Mariana da Silva Brum, Lóry da Silveira Ribeiro e Luiza Azevedo Lopes. UNIVASF, UFRGS, Camaçari (BA), 9 fev. 2023, 15 p.

## SUMÁRIO

Relação com o futebol 7; Futebol 7 Brasil; Atuação como treinadora; Primeiro Campeonato Baiano de Futebol 7; Camaçari Futebol Clube; Seleção Brasileira Feminina de Futebol 7. Copa América de Futebol 7; Copa das Nações; Copa do mundo de Futebol 7; Título Mundial; Prêmio de Melhor Treinadora do Mundo de Futebol 7.

Camaçari (BA), 9 de fevereiro de 2023. Entrevista com Dilma Maria Mendes de Souza, Dilma Mendes (D.M.), a cargo das pesquisadoras Silvana Vilodre Goellner (S.G.), Mariana da Silva Brum (M.B.), Lóry da Silveira Ribeiro (L.R.) e Luiza Azevedo Lopes (L.L.) para o Projeto Garimpando Memórias

S.G. - Dilma, inicialmente eu gostaria de te agradecer por disponibilizar teu tempo para nos conceder essa entrevista. Ela é muito importante e nós iremos focar na tua atuação como treinadora. Sabemos da importância da tua história, inclusive, porque você já me concedeu outra entrevista. Mas hoje queremos aprofundar temas relacionados a tua atuação a frente da seleção brasileira de futebol 7. Pode ser?

D.M. - Minha mestra, eu é que agradeço mais essa oportunidade. Quando você me chama eu largo tudo para lhe atender. Você está recuperando nossas histórias e tirando uma geração toda do esquecimento. Isso não tem palavras para explicar o quanto é importante. Quero deixar aqui registrado meu eterno agradecimento.

S.G. - Muito obrigada, Dilma. Vocês são uma inspiração para mim e para muitas outras mulheres.

D.M. - Antes de começar, eu gostaria de dizer para essas alunas que estão contigo o seguinte: Eu demorei demais para contar minha história para a Silvana, porque eu tinha e tenho ainda muitos monstros. E a Sil conseguiu descobrir a criança dentro desse monstro e aí foi muito bacana. É importante fazer esse registro, porque a gente precisa estar aqui contando do que a gente viveu, não é?

M.B. - Sim, Dilma é muito importante. Antes de te fazer uma pergunta quero dizer que é uma honra conversar com você. Então eu começaria perguntando como você se envolveu com o Futebol 7.

D.M. - Na verdade, o Futebol 7 surgiu muito mais, eu posso dizer para vocês, que foi um tiro no escuro. Eu trabalhava com futsal masculino e feminino adulto e em 2011 apareceu... Eu digo que ele é louco, mais um louco, na Bahia, chamado Fábio Fernandes, hoje ele mora em Portugal, mas já morou na Espanha e embora, hoje ele reside em Portugal. Ele trouxe

essa modalidade para a Bahia, e eu já vinha pesquisando algumas coisas, muito mais pelo... A questão de eu ficar incomodada de trabalhar com o futsal, tanto masculino e feminino, e não ver no futsal a representação do Nordeste, apesar da Confederação<sup>1</sup> na época estar no Ceará, mas na Bahia a gente não tinha nem jogadores e muito menos jogadoras, mulheres, convocadas para seleção. Então a gente ganhava campeonatos, inclusive o único título da Bahia até hoje foi as mulheres que deram, em 1993, que foi com o Euroexport Bahia, onde a gente conseguiu ser campeã brasileira. Eu fazia parte daquele grupo, era um grupo de Sissi<sup>2</sup>, de Fanta<sup>3</sup>, jogando contra e a Bahia conseguiu essa conquista. E e aquilo era um incômodo de certa forma para mim. Foi quando eu comecei a pesquisar em buscar uma outra modalidade que pudesse colocar em evidência os atletas da Bahia, principalmente as meninas, porque vem da minha história de não ter tido a oportunidade, muitas vezes por lei e por várias coisas, de eu não ter conseguido chegar onde algumas meninas hoje no fut7 chegaram. Foi aí que apareceu o futebol 7 e eu fui para a primeira reunião com eles... Apareceu aqui na Bahia o Primeiro Campeonato Baiano de Futebol 7, feito pela Federação<sup>4</sup>, e eu fui para essa reunião aqui, eu vi pela Internet na verdade. E aí eu fui para essa reunião e percebi que poderia ser o caminho, fui começar a estudar essa coisa do futebol 7 que tinha um perfil muito parecido com o futsal... A questão técnica e eu tinha um grupo de atletas que poderia se encaixar nessa nova modalidade. E aí eu resolvi participar desse campeonato, e nós fomos com a prata da casa, todos da cidade de Camaçari<sup>5</sup>, representando a cidade como Camaçari, mas no meio desse campeonato surgiu uma situação de que, quando perceberam que a gente, na verdade, estava ganhando alguns jogos, tendo um posicionamento de pontos, aí foi surgida a ideia de que só poderia participar do Baiano<sup>6</sup>, não o campeão, mas aquela equipe que tivesse atrelado a ela uma equipe profissional. E na nossa cidade ainda não tinha uma equipe profissional, tinha uma, mas estava desativada e aí eu saí de lá já assim: “O cara está me desafiando...” Só que a gente está lá na frente, então, não vai acontecer isso e, enfim, eu consegui ir como Camaçari Futebol Clube, que era um time que existia na cidade profissionalmente, mas estava desativado para o futebol masculino.

---

<sup>1</sup> Confederação Brasileira de Futsal.

<sup>2</sup> Sisleide Lima do Amor.

<sup>3</sup> Rosilane Camargo Motta.

<sup>4</sup> Federação de Futebol 7 Society da Bahia.

<sup>5</sup> Município do Estado da Bahia.

<sup>6</sup> Campeonato Baiano de Futebol 7.

Eu consegui essa chancela, vamos dizer assim, do presidente do clube e fui disputar o Campeonato Baiano e a gente venceu o Primeiro Campeonato Baiano aqui. A gente não conseguiu ir para esse Brasileiro<sup>7</sup>, mas quando foi em 2013, a gente continuou jogando as competições a nível de Bahia e vencendo. Nesse ano foi o Esporte Clube Bahia que foi representando a Bahia, porque tinha condição financeira, mas em 2013 eu chutei o balde aqui com os meus atletas e a gente foi com o dinheiro do bolso. Aquela velha história: vamos fazer loucura, vamos fazer loucura! E nós fomos para o Campeonato Brasileiro de 2013 e tinham 32 equipes participando. Grandes equipes do futebol de campo, tipo Flamengo<sup>8</sup>, Vasco<sup>9</sup>, Internacional<sup>10</sup>, Botafogo<sup>11</sup>, era mais a chancela deles, mas eram grandes times muito fortes. E tinha duas coisas: primeiro que eu era a única mulher dos 32 clubes que estava comandando um time masculino, que eles tinham como profissional, mas a gente não tinha, até brinco até hoje, porque os caras falavam e a folha do seu time custa quanto? A gente falou, rapaz, a nossa folha nem de lápis existe, porque todo mundo recebia e a gente não tinha folha de pagamento, e eles não acreditavam muito nessa questão, mas enfim. A gente conseguiu voltar, eram duas etapas essa competição e a gente conseguiu... Na primeira etapa a gente voltou como o primeiro de chave e a gente saiu daqui desacreditado da Bahia. Continuávamos desacreditado a nível de Brasil e no primeiro dia que a gente chegou e... Um time masculino adulto ser comandado por uma mulher de um metro e meio, você sabe que ninguém dá bom dia, não é? Então ninguém dava bom dia para a gente e esse time é de onde?... A gente falava que era da Bahia e eles: “Mas esse time é de onde? Camaçari fica onde?” Todas essas questões houve e isso, na verdade, foi muito bom porque eu comecei a trazer essa questão negativa, porque era uma coisa positiva para a equipe, de incentivar... Eu falava: “A gente precisa dizer para eles que nós existimos, a gente precisa deixar de ser invisível.” E foi aí que a gente fez uma excelente campanha, e na verdade eu fui vista como uma mulher, treinadora, treinando a equipe masculina, e a gente foi galgando esse espaço. E eu percebi que tinha que ter estudo e não tinha nada na Internet que me dissesse a questão tática e técnica... Era muito parecido o futsal com futebol, e aí eu comecei a construir a parte tática, construtivista mesmo, de pesquisa, de construir como é que a equipe podia fazer, qual o perfil do meu jogador, o que é que ele podia... Eu costumo dizer que eu sempre tive um

---

<sup>7</sup> Campeonato Brasileiro de Futebol 7.

<sup>8</sup> Clube de Regatas do Flamengo.

<sup>9</sup> Club de Regatas Vasco da Gama.

<sup>10</sup> Sport Club Internacional.

<sup>11</sup> Botafogo de Futebol e Regatas.

sonho de poder ter uma equipe que eu pudesse colocar o esquema tático que eu mais gosto e geralmente eu não posso fazer isso porque eu sigo muito o perfil de cada jogador. Então eu vou botar um esquema tático que os meus atletas possam render e aparecer. E dentro desse trabalho, eu fui vendo que a gente poderia galgar outros espaços. E com o masculino na Bahia a gente conseguiu ser quatro vezes campeão baiano, duas vezes campeão invicto, com mais de 24 equipes disputando o Campeonato Baiano. Então a gente começou a botar Camaçari no cenário tanto estadual como nacional, e aí apareceu o que eu mais sonhava, que era a convocação de seleção para os nossos atletas. Até ali eu estava muito feliz, radiante, porque a gente conseguiu botar filhos da terra de Camaçari e tirar aquela coisa toda que era a minha história. Eu nunca aceitei... Eu saí da minha cidade, porque o mundo do futebol é esse, você precisa sair de onde você mora para ir para os grandes centros para aparecer, para ter uma convocação, qualquer coisa parecida. E pela outra vez a gente estava conseguindo colocar um atleta da cidade, masculino, em uma seleção brasileira. Foi quando a gente acertou em colocar uma pessoa que tecnicamente fazia diferença, a gente começou a ter essa credibilidade também porque eu fiz isso tudo planejado mesmo. Não era o atleta que eu gostava, mas era o atleta que, tanto dentro como fora de campo, poderia trazer resultados positivos para a cidade, para o time e nessa hora você tem que deixar realmente as vaidades de fora e olhar pela questão extremamente profissional. E isso sempre foi o meu mecanismo para que eu conseguisse chegar até aonde eu estou hoje, com respeito de todos. E daí o cara me ligou: “Dilma, queria lhe pedir o seguinte: me indica a melhor jogadora que você tem, na Bahia”. Eu preferi indicar a melhor jogadora da Bahia, e ela não era do meu time, então, mais uma atleta da Bahia foi convocada. A primeira a ser convocada foi a Tatiely<sup>12</sup>, que hoje joga na Itália. E a gente foi, na verdade, conseguindo esses espaços que eram dados porque o futebol 7 estava iniciando, não tinha competições femininas, então as seleções eram mais indicação. Hoje não, hoje já tem campeonatos femininos, é muito forte, inclusive. E quando eu fui para o último Campeonato Brasileiro, eu não conhecia... Nessa época, era CBF7<sup>13</sup>, porque não existia a Futebol 7 Brasil. A CBF7 era dirigida por três presidentes e houve algumas questões internas deles, eles se separaram, e eu fiquei trabalhando com a CBF7. Mas aí surgiu algumas situações que eu não via mais aquela questão de ser convocada para a seleção, eu comecei a não ver e eles se separaram e cada um abriu uma... Um ficou com a

---

<sup>12</sup> Tatiely Cristina Senna das Neves.

<sup>13</sup> Confederação Brasileira de Futebol 7.

CBF7, um outro abriu a FF7<sup>14</sup>, alguma coisa assim e um ano depois surgiu a Futebol 7 Brasil, que eu fui pesquisar direitinho e falei: “Vou arriscar nesse cara aqui, porque as outras duas não tem nem... Uma tem CNPJ<sup>15</sup>, mas é um cara que não combinava muito com a nossa filosofia de trabalho, e a outra nem CNPJ existia”. Então a gente fazia um investimento, eu saí da Bahia com dezoito, vinte atletas e era em torno de 26 mil reais. Então a gente teria que ir para fazer as coisas acontecerem realmente, aí foi quando surgiu a Futebol 7 Brasil, com o Flamengo e grandes equipes participando dessa competição. Falei: “Esse ano nós vamos nessa aqui”. Foi quando eu fui, a gente conseguiu um resultado muito expressivo: trinta e duas equipes, nós terminamos em décimo sexto lugar e conseguimos chegar. A meta era chegar entre os dezoito, os atletas não sabiam, mas eu tinha traçado esse objetivo: estar entre as dezoito já estava ótimo, mas voltar entre os dezesseis e no geral a gente ficar entre os doze já estava mais do que perfeito para mim. E daí passou seis meses, foi no mês de dezembro, que surgiu o convite de eu participar da seleção brasileira. Achei até muito estranho, porque a seleção brasileira tinha sido campeã do mundo, com um treinador homem, então a gente tem muito essa cultura: não mexe, o cara é campeão do mundo, como é que você vai tirar o cara e botar uma pessoa que trabalha com masculino, trabalha com feminino, mas não tem título a nível nacional! E ele me mostrou o projeto e o projeto era justamente impulsionar a mulher no esporte, no futebol 7.

Eu fiquei realmente encantada pelo projeto, até porque todas as condições que tem o masculino ia ter o feminino, então se o masculino fosse para os Estados Unidos, fazer uma viagem internacional, o feminino também iria. Então todo esse processo me encantou para que eu aceitasse o convite, e eu fui ver isso de perto. É claro que não é mil maravilhas, mas a gente consegue hoje, primeiro, oportunizar, porque eles não exigem que eu vença a qualquer preço. É uma modalidade que já tem, vamos dizer, corpo, tem alma, sempre teve, mas tem corpo hoje e ainda a gente pensa em oportunizar. Então eu fiz algumas... Vamos dizer, assim, nós estabelecemos algumas situações de que eu não vou. Eu vou para a seleção desde o início sem levar ninguém da minha comissão. Então a comissão é feita com cada pessoa de cada lugar. A gente tem um médico, ele também consegue enxergar algumas atletas de perto, dentro das competições, a gente só criou um critério: todas as atletas convocadas elas precisam estar disputando competições realizadas pela Futebol 7 Brasil, até porque a gente consegue ver as melhores atletas, enxergar essas melhores atletas e

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>15</sup> Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.



oportunizar da melhor forma possível, mesmo sabendo que temos falhas e talvez a gente não consiga atingir a todos, mas a gente tenta na medida do possível. Foi mais ou menos isso aí, a minha chegada no Futebol 7.

S.G. - Dilma, onde aconteceu esse campeonato de 2013, Brasileiro?

D.M. - Foi em São Paulo.

S.G. - E você tem alguma matéria de jornal, algum registro sobre essa competição?

D.M. - Deve ter registro no site do Futebol 7 Brasil e na época tinha o jornal da própria CBF7.

L.R. - Dilma, quando você é chamada para assumir a seleção brasileira de mulheres, quem que estava na direção da Fut7?

D.M. - Foi o Hugo Loureiro.

L.R. - E você vai ser a primeira treinadora mulher?

D.M. - Teve dois treinadores homens antes.

S.G. - Quando você assume o cargo, como fez o processo de seleção das jogadoras? Como você montou a sua equipe?

D.M. - Quando eu tive o convite, eu perguntei justamente isso para ele: “Como é que a gente vai fazer essa seleção que seja uma convocação democrática?” Então o que a gente faz? A nível de Nordeste, eu praticamente seguro... Essa questão do Nordeste, porque eu tenho mais possibilidade de estar viajando, de estar vendo. A outra possibilidade é a gente estar o tempo todo conversando, vendo as imagens, os vídeos porque tudo é gravado. A gente tem um banco de dados das meninas. Então a gente tem essas meninas já sendo acompanhadas por pessoas da comissão, o próprio treinador do masculino, assim como eu, ajudo para ele na convocação do masculino. No sentido de não de convocar, mas de dizer para ele as

características a nível de Nordeste. Ele também faz isso lá em São Paulo, porque ele mora em São Paulo. A gente tem outro em Curitiba, no Rio Grande do Sul, então quando tem as competições, antigamente era pelo Instagram, hoje tem o FIF7TV e está passando também muita coisa pelo Sportv. Então, tudo isso é gravado, é mandado para mim, eu tenho que fazer aquele contexto todo e a gente vai analisando da melhor forma possível para ter essa convocação. A princípio a gente tinha, por exemplo, nas convocações nós tínhamos dez atletas de uma equipe só. Eu comecei a reduzir isso até porque a gente começa a tirar as melhores atletas e ir para outros times, porque elas têm interesse de ser convocadas. E o fortalecimento com certeza deu certo por conta disso, não é? Então não fica dez meninas de um nível de seleção em uma equipe só. Aí você vai para uma competição e você ganha sempre de dez, de vinte e isso não é desenvolvimento! Isso é, perpassa por uma qualidade que não é isso que a gente quer para o futebol 7 feminino.

L.L. – Dilma, onde aconteceu o primeiro encontro com a seleção convocada por você? Como foi seu primeiro encontro com elas e como elas receberam uma treinadora mulher?

D.M. - Deixa eu ver se eu lembro aqui... Foi na Copa América. Na verdade, quando eu recebi o convite em 2019, ele me falou o seguinte: “Você tem três competições da seleção”. Ele já tinha esse projeto, na verdade, não foi feita por Dilma, a gente só foi tentando moldar uma melhor forma. Mas ele falou para mim: “Você está sendo convidada para vir fazer parte da comissão, mas o seu convite, ele se encerra em um ano. Você perdendo ou ganhando as três competições que a Futebol 7 está fazendo, em dezembro a gente não tem mais o compromisso com você. Então, você topa isso?” Foi na Copa América que aconteceu em Porto Alegre<sup>16</sup> em 2019 e foi quando eu conheci a Silvana pessoalmente. Ela foi ver os jogos e me procurou no final da competição! Foi uma emoção conhecer quem eu já sabia que era envolvida com o futebol de mulheres. A gente conseguiu o título de campeãs e logo depois teve a Copa das Nações<sup>17</sup> na Espanha e o Mundial<sup>18</sup> na Itália, em Roma.

---

<sup>16</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>17</sup> Realizada em Barcelona.

<sup>18</sup> Copa do Mundo de Futebol 7.

S.G. - E você ganhou as três competições, que fique bem registrado isso. Foi campeã em todas as três competições que disputou nesse ano de 2019. Copa América, Copa das Nações e Copa do Mundo.

D.M. - A primeira competição foi um pouco difícil porque a gente tem pouco tempo para treinar, não é? A gente estava com a questão amadora... Você não conhecer de perto, é o primeiro dia de aula que a gente chega e não consegue gravar o nome de todo mundo, você se confunde, mas assim, foi muito legal, porque eu não dei nada tático. Eu queria conhecer elas, e aí eu fui descobrindo que elas foram convocadas porque jogavam no clube delas, em uma função. Mas quando eu chegava e perguntava para elas: “Você gosta de jogar em qual posição?” Elas falavam para mim: “Eu fui convocada de fixa.” Eu falei: “Não é isso que eu quero saber. Eu quero saber onde é que você gosta de jogar?” E aí elas começaram a passar para mim onde elas gostavam de jogar e dentro dessa perspectiva a gente conseguiu montar uma estrutura muito boa. Primeiro de perfil de atleta, para que a gente pudesse vencer e perguntar para elas, o que é que elas faziam da vida, o que é que elas queriam fazer, o que é que elas estavam fazendo ali? Então, na verdade, foi um lado mais teórico do que prático, nesse esse primeiro título. A gente ganhou muito mais fora de campo do que propriamente na questão tática, porque elas eram muito inteligentes. A gente tinha poucas meninas - graças a Deus, mas não é a realidade - que não tinham escolaridade. A gente tinha todas elas já cursando, já formadas, então já sabia o que queriam, tinha um entendimento mais forte para que a gente pudesse dar a real. “Vamos ter que ganhar e ganhar dessa forma, não adianta vocês me enganarem de estar lá fazendo o que vocês querem, porque não vai dar certo.” E aí tem a casinha, não é? Que a gente sempre fala como treinadora: “Se não fizer, a gente vai para a casinha, eu não sou boazinha, eu sou justa!” E a gente foi nessa pegada mesmo de treinadora de homens, que assim que eles fazem, a gente não vai ser diferente, a gente não quer essa diferença, a gente quer... O que eu senti era que elas queriam ser tratadas como atletas. Eu percebia que tipo, esquema tático de pegar uma prancheta e colocar o que é que tem, isso era uma novidade, talvez uma novidade de ser uma mulher que estava passando aquilo. E muitas delas não tiveram, na verdade, uma treinadora mulher. Então, foi fácil no sentido delas terem o entendimento, mas assim, na prática, a gente teve uma dificuldade, mas a gente conseguiu superar.

M.B. - Dilma, eu tenho dúvida mais relacionada ao início do futebol 7. Ele é a mesma coisa que o futebol *society* ou não?

D.M. - Não. A gente costuma dizer que *society* é “baba<sup>19</sup>”, que vocês chamam de “pelada”. O *society* é pelada, por quê? Porque o *society*, você pode fazer o que você quiser, você pode cobrar arremesso lateral de mão ou de pé, é opcional; o escanteio você pode cobrar de mão ou de pé, é opcional; o goleiro pode fazer o que ele quiser e ficar quanto tempo ele quiser. No futebol 7 não! Existem regras... No *society*, por exemplo, a falta: você pode cobrar falta normal, como no futebol, mas se você tem atinge a sexta falta, a bola é cobrada no que a gente chama dos 10 metros. A gente chama de *shootout* que não é o *penalty*. O *penalty* é normal, mas a gente tem algumas características, mais ou menos. Eu acredito que no futebol 7 tem umas oito ou dez situações que são diferentes, tanto do futsal, mais do futebol. E do *society*, eu acredito que seja tudo. O goleiro só pode ficar 5 segundos com a bola na mão... Antigamente, uma regra bem antiga, o goleiro podia sair da área, mas ele tinha 5 segundos para atravessar o meio da quadra, que é quase uma regra do futsal antigo. Hoje já não precisa mais, ele está livre para fazer isso. Então, assim, o *society*, ele é “baba”, ele é “pelada”. O futebol 7, ele tem regras. Tem regras de pedida de tempo, é um tempo em cada período, ele tem uma questão hoje de você pedir o tempo, você pode estar dentro. Quando é regra internacional, a gente vai dar as instruções dentro do campo, dentro da área meta do goleiro. No futebol *society*, você não tem nem tempo, você pode fazer o que você... Na verdade, é mais livre... Então, a gente começou a trabalhar também essa linguagem de que o futebol *society* é pelada e o futebol 7 é coisa séria. Porque todo mundo achava que era a mesma coisa, mas não é. Aí ficou bem legal e a gente conseguiu realmente trazer esse diferencial, porque no início realmente era bem complicado.

S.G. - Dilma, voltando a tua atuação à frente da seleção brasileira, em 2019 você conquista os três grandes campeonatos da modalidade. Como que foi a repercussão disso na tua carreira e o que veio na sequência?

D.M. - Isso, era só um ano. A gente foi para Porto Alegre e conseguiu vencer, a gente consegue ir para o Mundial e o mais legal é a gente teria no Mundial apenas seis jogadoras

---

<sup>19</sup> Termo baiano que faz referência ao futebol recreativo, de lazer, amador.

repetidas. Porque a gente faz isso. A gente geralmente volta com um esqueleto de seis a sete jogadoras, o restante são todas as meninas novas que a gente precisa que elas vivenciem uma viagem de avião, da seleção, que vá para um hotel legal, que ela realize o sonho dela. Então, isso foi muito bacana com o Hugo por conta disso, entendeu? De realizar sonhos. A gente tem meninas que viajaram e que não tinham nem dinheiro para comer. A gente conseguiu dizer assim: “É possível sonhar, sabe?” Então, isso me encantou muito. Muito mais do que os títulos. Eu acho que o maior título foi exatamente isso, da gente proporcionar... Hoje, eu acredito que a gente tem muito mais de 50 meninas que já não tem esse número exato, mas eu posso trazer para vocês que tiveram a experiência de vestir uma camisa amarela. Eu tiro por mim, como eu sempre falo: “Eu queria muito um dia eu ouvir o hino nacional. Oficialmente como atleta eu não consegui fazer isso, por tantas circunstâncias, vocês já sabem. Mas como treinadora foi a melhor sensação do mundo. E foi a Futebol 7 que proporcionou isso.” Então, eu tive momentos de adorar a regra, porque eu queria que cada uma ouvisse o Hino Nacional, talvez para mim era importante, então como era uma coisa gostosa e boa, eu queria que outras também fizessem isso. Eu podia segundo a regra, escalar um time para a jogadora entrar em campo, jogar dois minutos e sair... Só para que elas não ficassem no banco, sentadas, postadas ali. Era para a TV pegar elas e a mãe, o pai, em casa ver, sabe? Depois a gente ouvia delas: “Legal, viu”. Jogou dois minutos, às vezes não tinha nem condição, era tipo, tenho que ganhar o jogo, claro. A gente quer ganhar o jogo, mas dois minutos, três, que a jogadora entre, perfilar, ouvir o Hino Nacional, não tirar ela... Ter estratégias, inclusive, às vezes muito arriscada, é claro, mas eu prefiro continuar com a minha consciência muito tranquila em poder fazer isso, deitar no travesseiro e arriscar.

S.G. - Legal você falar sobre isso Dilma porque nos dá a dimensão da treinadora que você é, do tipo de atitude que você toma, da sua postura ética. Voltando a nossa espécie de linha do tempo, o que aconteceu depois de 2019?

D.M. - Logo depois a gente se deparou com a pandemia<sup>20</sup> e quase tudo parou. Em 2020, a gente ainda teve uma competição internacional onde me tornei bicampeã da Copa América<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Pandemia de COVID-19.

<sup>21</sup> Copa América de Futebol 7, realizada em Porto Alegre.

M.B. - Foi nesse mesmo ano que você foi eleita a Melhor Treinadora das Américas pela Federação Internacional de Futebol 7 entre homens e mulheres, certo?

D.M. - Sim. Na verdade, só existia eu de treinadora mulher de uma seleção nacional. Enfim, em 2020 tudo parou e em 2021 teve o mundial e conquistamos o vice-campeonato

S.G. - Você está se referindo a Copa do Mundo de Futebol 7 que aconteceu no Rio de Janeiro, certo?

D.M. - É isso mesmo. Foi em 2021. E, depois, em 2021 teve a Copa América em Buenos Aires onde me tornei tricampeã das Américas, vencendo a Argentina.

L.R. - E como foram as outras convocações, depois de 2019? Fala um pouquinho sobre isso.

D.M. - Bom, é como eu falei... O pessoal falou assim: “Dilma, você ganhou tudo, como é que você não vai continuar?” Primeiro, por conta da... Não ia falar isso para todo mundo, mas por conta da questão do presidente da Fut7 ter dito que meu contrato seria só um ano. Mas quando a pandemia surgiu, ele falou: “Dilma, a gente vai segurar você por conta da questão da pandemia. Eu não acho justo nem a gente trazer alguém e nem você sair por conta dessa questão da pandemia. Tudo que a gente passou dentro da pandemia. Então, eu vou te dar mais um ano e a gente encerra em 2022.” Falei: “Tudo bem, não tem problema nenhum, a gente fica.” Então, quando foi agora, 2023, eu já estava bem que meio... Bom, eu não vou mesmo e já estava traçando algumas coisas, até porque eu tenho procurado muito tentar ver se a gente consegue colocar uma outra mulher no meu lugar. Eu peço sempre desculpa aos homens que são da minha comissão, mas eu sempre, em toda a minha palestra, eu falo disso... E eu estava muito esperançosa que a gente conseguisse... A gente não tem cadeira cativa, então a gente já tem que estar procurando outra mulher para colocar no lugar, e eu sou bem assim mesmo. Como eu digo, eu sou uma “simetona”, o meu sonho é ter uma comissão técnica na seleção só de mulheres, então a gente já conseguiu levar uma fisioterapeuta, uma médica... O que a gente estava falando mesmo, Sil?

S.G. - Sobre a tua convocação para continuar à frente da seleção brasileira.

D.M. - Então, eu não esperava realmente, sabe? Não foi por perder a competição, porque uma coisa bacana é o que eles dizem, é oportunizar. Às vezes a gente tem que botar algumas atletas que não estão no nível, mas que precisavam de uma oportunidade, não é? E aí, quando ele... Ele não me ligou, ele mandou um documento para mim, perguntando se eu aceitava o convite. E estava me esperando o meu ok. Eu quase que fui instantânea: “Ok!” Porque eu vi uma oportunidade também, não só profissionalmente, para mim. É um desafio, quero muito ser bicampeã do mundo. Quero fechar esse meu ciclo como bicampeã do mundo. Tive essa oportunidade, na verdade, no Rio de Janeiro<sup>22</sup>, mas por conta de todas essas coisas que aconteceram, foi adiado. E aí, eu estava... É tipo assim, aconteceu isso lá, mas a gente tem condição de... De galgar um título, de vir campeonato. E aí, eu aceitei estar com ele, mas tremi nas bases.

S.G. - Quando será a próxima Copa do Mundo?

D.M. - Vai ser no México quando. Acho que é setembro. Tem alguma coisa de Copa América, também. Acho que será em Maceió<sup>23</sup>? O Mundial é a cereja do bolo, lá no México e não vai ser fácil, porque a escola do México é uma das melhores do mundo. Eu acho. A Rússia e México são as duas escolas que... Não sei se começaram primeiro que a gente, no futebol 7, mas é uma escola bastante interessante, praticamente.

L.R. - E quando você vai fazer a convocação e começar os treinos?

D.M. - Dia 20, agora, a gente está aguardando... Vai sair também a relação dos melhores treinadores do mundo. Como na última oportunidade eu fiquei entre os três melhores do mundo.... Ficou eu, o da Rússia e o da Argentina. E aí o da Rússia que venceu e no outro foi o da Argentina. Se eu não me engano já teve três ou quatro premiações dessas. Entendeu? Desse ano, 2023, ainda não saiu quem está concorrendo. Vai sair dia 20, se eu não me engano.

---

<sup>22</sup> Referência a Copa do Mundo de Futebol 7 realizada no Rio de Janeiro onde conquistou o vice-campeonato.

<sup>23</sup> Capital do Estado de Alagoas.

L.R. - Dilma, tu sabes me dizer se teve seleção de equipe masculina no Brasil de futebol de 7 antes da feminina? Porque a gente teve dificuldade de encontrar essa informação.

D.M. - Teve pela Futebol 7, sim. Acho que primeiro começou com a masculina, realmente.

L.R. - Eu estou aqui pensando, o masculino ganhou algum título mundial já?

D.M. - Já. Já ganhou vários títulos mundiais. O treinador também, o Batata<sup>24</sup>. Tem uma coisa que é interessante porque, às vezes, a gente vai para algumas competições e quando a gente vê a chave... Esse da Argentina<sup>25</sup> teve um sabor muito legal, porque todo mundo foi para ver o masculino ser campeão e pensavam que o feminino talvez chegasse. E realmente o time masculino era um baita time, cara. Baita time. Perderam assim, eles perderam o jogo. E aí terminou, acho que foi o Equador, que foi o campeão da América. E eles ficaram em terceiro lugar. E a gente foi campeã. Tanto que o pessoal falou assim: “A gente veio para ver o masculino campeão e o feminino em terceiro lugar.” O pessoal da própria comissão e aí inverteu a situação.

M.B. - Eu tenho uma para a Dilma: Em questão da estrutura da seleção feminina, como é que funciona? Tem um centro de treinamento? Como é que é?

D.M. - Antes a gente não tinha, a gente usava o do Rodrigo Mendes<sup>26</sup> aí em Porto Alegre. Hoje a Futebol 7 tem o próprio centro de treinamento que fica no Rio de Janeiro. Tem com alojamento, toda essa estrutura. Quando a gente ia e ficava no hotel. A gente saía do hotel, treinava lá no Rodrigo Mendes, voltava para o hotel, era o período que a gente fazia. Não é um período muito longo, não. Porque ainda é amador, considerado amador, mas a estrutura é nível... Eu realmente nunca vi, a estrutura que eles permitem o feminino ter. Porque, só para vocês terem uma ideia, quando sai a convocação, as atletas, tanto masculino como feminino, precisam assinar um documento se comprometendo em não pedir ajuda para viajar. Então, se eles tiverem informação de que você foi pedir patrocínio, para comprar passagem, para poder viajar, usando esses argumentos, o atleta é cortado. Ele é afastado

---

<sup>24</sup> Marco Antônio Gonçalves Cardoso.

<sup>25</sup> Referência a Copa América realizada na Argentina.

<sup>26</sup> Centro Esportivo Rodrigo Mendes.



porque a Futebol 7 banca todas as despesas de todas as atletas, tanto feminino como masculino. Existem regras de obediência, lógico, normal, de horário de chegada, de horário de saída. Mas, esses deslocamentos também são todos pagos. Quando a gente foi para a Argentina, já tinha as pessoas para receber a gente lá. Da comissão que vai antes para poder ver o local, tudo direitinho, e vai buscar a gente no aeroporto, com van, com ônibus. Mas aqui no Brasil, quando a gente se encontra aqui no Brasil, pode pegar o Uber, levar a conta e pagar, então, coisas que a gente não vê isso no feminino. A gente vê as meninas desesperadas, querendo ajuda para poder viajar, então isso foi muito bacana, conseguir ver isso. Se os caras ficam no hotel 5 estrelas, a gente fica também, geralmente os hotéis são desse nível em qualquer lugar que a gente vá. É inadmissível a gente chegar e comer pão com ovo, que eu adoro, mas não existe isso, então isso é muito bacana. Então é uma estrutura realmente a nível profissional. Nós temos uma médica, fisioterapeuta, para a gente tem... No masculino eles têm um médico, preparador físico, não é o mesmo, a gente tem uma comissão, de estrutura, de comissão, e o masculino tem outra. Só que quando a gente chega no hotel, a fisioterapia fica no mesmo local de atendimento, tanto masculino como feminino. Eu acho bem bacana isso, dizer que vamos tratar primeiro o masculino, não. Existe uma escala de quem precisa, de quem chegou primeiro vai ser o primeiro, pode ser o cara, pode ser o que a gente tem hoje, um atleta que se chama Vassoura<sup>27</sup>, que foi pela seleção, então acho que todo mundo conhece o Vassoura, porque ele joga tanto salão como futebol, então pode ser o Vassoura, como pode ser um atleta juvenil que foi convocado, e tem o mesmo direito. Então isso é muito bacana, acompanhar isso.

S.G. - Além de sonhar com o bicampeonato mundial, quais são teus planos para o futuro?

D.M. - É conquistar esse título e conseguir que fique uma mulher à frente da seleção quando eu deixar o cargo. Porque não é cadeira cativa, certo? Para 2024 eu tenho outros planos, então eu preciso, no máximo, esse ano, já ter alguém me acompanhando para que a gente possa dar oportunidade, porque eu acredito que seja meu último ano, porque o ano que vem eu vou estar focado em alguns objetivos aí. Chega de não ver mulher dentro da Câmara de Vereadores de Camaçari. É preciso abrir outras frentes e ocupar espaço.

---

<sup>27</sup> Williams Oliveira do Nascimento.

S.G. - Muito bom Dilma. É fundamental que mulheres como você ocupem esses espaços de poder e decisão. Tens meu amplo e irrestrito apoio.

D.M. - Eu sei disso. Vamos em frente e ocupar esses espaços.

S.G. - Dilma, amiga querida, muito obrigada pela entrevista, por contar partes da tua trajetória e por esbanjar conhecimento e sabedoria. Aprendo muito com você.

[FINAL DA ENTREVISTA]